

Thais de Lima dos Santos



Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)
thaissantos.aluno@unipampa.edu.br

Any Gracyelle Brum dos Santos



Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)
anyasantos.aluno@unipampa.edu.br

Patrícia Becker Engers



Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)
patriciaengers.aluno@unipampa.edu.br

Phillip Vilanova Ilha



Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)
phillipilha@unipampa.edu.br

EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO: O CONTEXTO DAS AULAS NA REDE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL

RESUMO

O estudo teve como objetivo analisar o panorama das aulas de Educação Física das escolas de Ensino Médio da rede estadual de ensino do Rio Grande do Sul. A amostra constituiu-se de 239 escolas de Ensino Médio, representadas por 147 professores de Educação Física e 193 gestores escolares. Para a coleta de dados, utilizou-se um questionário online, sobre o perfil dos professores de Educação Física e o desenvolvimento das aulas. Para a análise dos dados utilizou-se a análise de conteúdo e a estatística descritiva. Os resultados apontam a presença do esporte como conteúdo hegemônico, a existência de aulas no contraturno escolar e aulas separadas por gênero. Conclui-se necessário compreender o contexto da Educação física no Ensino Médio, buscando uma reflexão sobre a prática pedagógica.

Palavras-chave: Educação Física. Ensino Médio. Contexto das aulas.

PHYSICAL EDUCATION IN HIGH SCHOOL: THE CONTEXT OF CLASSES IN THE STATE NETWORK OF RIO GRANDE DO SUL

ABSTRACT

The study aimed to analyze the panorama of Physical Education classes in high schools in the state education network of Rio Grande do Sul. The sample consisted of 239 high schools, represented by 147 Physical Education teachers and 193 school managers. For data collection, an online questionnaire was used, about the profile of Physical Education teachers and the development of classes. For data analysis, content analysis and descriptive statistics were used. The results point to the presence of sport as hegemonic content, the existence of classes after school hours and classes separated by gender. It is concluded that it is necessary to understand the context of Physical Education in High School, seeking a reflection on pedagogical practice.

Keywords: Physical Education. High School. Classroom Context.

Submetido em: 12/04/2020

Aceito em: 09/11/2021

Publicado em: 27/04/2022

 <https://doi.org/10.28998/2175-6600.2022v14n34p212-233>



I INTRODUÇÃO

O Ensino Médio é caracterizado por ser um nível de ensino repleto de peculiaridades, de ordem cronológica e sociocultural, como a presença de alunos adolescentes, jovens e adultos, com trajetórias e condições de vida complexas e diferenciadas, que relevam diversidades culturais, sociais, econômicas, étnico-raciais, de gênero, entre outras, que influenciam as relações e os modos de conviver com o “outro” e o sentido do processo de escolarização (SILVA; COFFANI, 2013).

Nessa perspectiva, a etapa do Ensino Médio se torna importante para apoiar a construção do projeto de vida dos estudantes, ajudando-os a reconhecer seus potenciais, vocações e possibilidades enquanto pessoas e cidadãos. Para isso é preciso superar a fragmentação dos conteúdos, de forma que os conhecimentos sejam diversificados e tornem-se interessantes ao aluno, com o intuito de desenvolver as capacidades de abstração, interpretação, proposição e ação dos alunos, as quais são essenciais para a autonomia pessoal, profissional, intelectual e política (BRASIL, 2018).

Integrando-se ao contexto do Ensino Médio, a Educação Física como componente pertencente à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), insere-se na área das Linguagens, juntamente com os componentes curriculares de Língua Portuguesa, Língua Espanhola, Língua Inglesa e Arte. A área de Linguagens, como explicita o documento: “[...] trata dos conhecimentos relativos à atuação dos sujeitos em práticas de linguagem, em variadas esferas da comunicação humana, das mais cotidianas às mais formais e elaboradas” (BRASIL, 2018, p. 29). De acordo com o documento, no que se refere ao componente curricular da Educação Física, evidenciam-se as diversas manifestações da cultura corporal de movimento, compostas pelos jogos e brincadeiras, ginásticas, danças, lutas e os esportes (BRASIL, 2018), sendo, que através desses conhecimentos há possibilidades de mobilizar e ampliar “[...] recursos expressivos, para construir sentidos com o outro em diferentes campos de atuação” (BRASIL, 2018, p. 29).

Sobre a Educação Física no Ensino Médio, Menezes e Verenguer (2006) afirmam que ela deve permitir aos adolescentes diversas experiências através de atividades motoras, apresentando um caráter essencialmente participativo, diversificado, equilibrado, agregado aos conteúdos procedimentais e conceituais, além dos atitudinais, valorizando o domínio cognitivo.

Contudo, nos últimos anos, vem se manifestando uma questão referente à reforma do Ensino Médio, na qual, a Educação Física, passou a ser questionada, assim como sua permanência como componente curricular obrigatório. Por tratar-se pedagogicamente, na

escola, de saberes vinculados mais fortemente ao universo da experiência comum e do cotidiano (jogos e brincadeiras, danças, lutas, esportes, ginástica) do que de conhecimentos advindos de disciplinas acadêmico-científicas, ou, então, de forma mais geral, de saberes de caráter teórico-conceitual (abstratos); pela relação estreita dos seus saberes com o espaço/tempo do mundo do lazer (prática social essa com menos status comparativamente com o mundo do trabalho); e, por ser uma ação pedagógica impregnada de experiências estéticas (corporais, grupais, relacionais, comunicativas, vivências essas de difícil codificação e avaliação da aprendizagem individual dos alunos) acaba por enfrentar grandes dificuldades de legitimação e reconhecimento no currículo escola (GARIGLIO et al. 2017).

De acordo com Silva e Coffani (2013), outra problemática existente nessa conjuntura, refere-se ao trato pedagógico das aulas de Educação Física no Ensino Médio, ocorre uma repetição do modelo de ensino da Educação Física, baseado na valoração única de parâmetros de rendimento da aptidão física dos alunos ou caracterizado pela esportivização das práticas corporais, e isto, têm sido questionado pelos alunos do Ensino Médio, pois não encontram mais sentido nessas práticas para o projeto de vida e convívio social.

Nesse sentido, Darido e Rangel (2005), entendem que conteúdos de ensino são o conjunto de conhecimentos, habilidades, hábitos, modos valorativos e atitudinais de atuação social, organizados pedagogicamente e didaticamente, tendo em vista a assimilação ativa e a aplicação pelos alunos na sua prática de vida, portanto, devem estar bem alinhados com os objetivos das aulas previstos pelos professores de Educação Física, desta forma promovendo a diversificação de conteúdos para atingir a formação integral do aluno.

Na visão de Correia (2010), a Educação Física é um componente curricular que tem como proposição oferecer conhecimentos de natureza teórica e prática a partir de um conceito mais amplo do que o autor chama “Educação Corporal”, podendo assim contribuir, de maneira significativa, para uma ampliação relativa da democratização dos saberes e intenções educacionais escolares.

Por outro lado, Mattos e Neira (2008), ressaltam que as aulas de Educação Física no Ensino Médio têm se configurado como uma característica recreativa, de forma que os alunos as frequentam, muitas vezes, de forma descomprometida e esporádica. Assim, observa-se que esse tem sido um fator de evasão dos alunos nas aulas da disciplina, com o empobrecimento do trabalho do professor de Educação Física.

Por conseguinte, um fato que vem sendo discutido por vários autores nos últimos anos, diz respeito aos professores de Educação Física, que se encontram, ainda influenciados, sobretudo pela concepção esportivista, restringindo os conteúdos das aulas aos esportes mais tradicionais. Em muitos casos também, esses conteúdos são distribuídos sem nenhuma sistematização e são apresentados de forma desordenada ou aleatória, ou seja, estes são organizados ou sequenciados sem critérios mais consistentes.

Além desse fato, é muito comum que estes conteúdos esportivos sejam transmitidos superficialmente, apenas na ótica do saber fazer, o que acaba ocasionando a falta de aprofundamento dos conteúdos propostos para a Educação Física na escola (DARIDO, 2001).

Em vista disso, Betti e Zuliani (2002), ao discutirem sobre a prática pedagógica da Educação Física escolar, relatam que muitos alunos não vendo mais significado nessa disciplina, começam a desinteressar-se por ela, forçando situações de dispensa, embora, costumem valorizar cada vez mais as práticas corporais realizadas fora da escola como em clubes e academias de ginástica.

Sendo assim, considerando as inúmeras reflexões acerca das aulas de Educação Física, Darido e Rangel (2005), afirmam que esta disciplina deve ser compreendida na sua totalidade, conseguindo oferecer igualdade e oportunidade a todos os alunos, pois da mesma forma que muitos alunos não conseguem permanecer na escola, muitos alunos, também, não conseguem participar de uma aula de Educação Física.

Nessa perspectiva, o objetivo deste estudo, consistiu em analisar o panorama das aulas de Educação Física das escolas de Ensino Médio da rede estadual de ensino do Rio Grande do Sul, compreendendo e refletindo sobre o contexto das aulas e as características que as compõem.

2 METODOLOGIA

O presente estudo se caracteriza, quanto aos objetivos, como descritivo exploratório, pois buscou descrever características de certa população, bem como, explorar as relações entre as variáveis, de modo a fornecer informações para uma investigação mais precisa (GIL, 2008). É delineado como descritivo-exploratório, tendo como finalidade principal a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis, desenvolvendo,

esclarecendo e modificando conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores (GIL, 2008).

A pesquisa teve como cenário as escolas de Ensino Médio da rede estadual de ensino do Rio Grande do Sul (RS). O Estado do Rio Grande do Sul possui 1.449 escolas de Ensino Médio (ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, 2019), distribuídas nas 30 Coordenadorias Regionais de Educação (CRE), de várias regiões do estado. Para calcular a amostragem levou-se em conta o número de escolas de Ensino Médio no RS. Para tanto, foi utilizado o *software Epi Info* para o cálculo amostral, com nível de significância de 5% e poder de 80% que é considerado suficiente para encontrar a significância quando ela realmente existe (PATINO; FERREIRA, 2016). O tamanho amostral mínimo ficou constituído de 145 escolas.

Para garantir a representatividade das regiões do RS, a seleção da amostra foi realizada a partir do processo de amostragem aleatória estratificada proporcional, na qual as mesorregiões do RS (IBGE, 2017) foram os estratos. Para representar as escolas, convidou-se um (01) professor de Educação Física e/ou um (01) gestor de cada escola. Foram excluídas do estudo as escolas envolvidas no projeto piloto do Novo Ensino Médio, pois as mesmas estavam em reorganização curricular do componente de Educação Física, e os professores e gestores não responderem todas as questões dos instrumentos de coleta de dados. Para tal, participaram do estudo 147 professores de Educação Física e 193 gestores escolares de 239 escolas, conforme apresentado na Tabela 1.

Tabela 1 - Número de escolas por mesorregiões do RS, amostra mínima e amostra coletada por extrato.

Mesorregiões	Número de escolas	Amostra mínima (escolas)	Amostra coletada		
			Escolas	Professores	Gestores
Metropolitana	487	43	58	35	48
Nordeste	145	14	29	21	21
Noroeste	364	43	66	36	58
Sudoeste	126	12	31	19	23
Sudeste	97	10	21	14	15
Centro	230	23	34	22	28
Total	1.449	145	239	147	193

Para a coleta de dados, inicialmente entrou-se em contato com a Secretaria Estadual de Educação do RS (SEDUC), solicitando autorização para a realização da mesma e requerendo a emissão de um comunicado oficial para todas as Coordenadorias

Regionais de Educação (CRE). Após anuência, as CRE encaminharam às escolas o convite para participação na pesquisa de um (01) professor de Educação Física e/ou um (01) gestor escolar de cada escola da sua região, bem como, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O convite foi encaminhado via e-mail e o aceite do TCLE foi realizado digitalmente, através do Google Forms. Após a leitura e aceite do TCLE, os professores e gestores receberam o instrumento de coleta de dados para preenchimento.

Como instrumento de coleta de dados utilizou-se de um questionário digital, desenvolvido no aplicativo Google Forms, com questões abertas e fechadas que versaram sobre: identificação da escola e da CRE; perfil pessoal e profissional dos professores de Educação Física; organização das aulas de Educação Física; conteúdos desenvolvidos na Educação Física; espaços físicos; participação dos professores de Educação Física nas atividades pedagógicas e sobre o procedimento da escola referente ao atestado médico. As questões sobre perfil pessoal e profissional foram destinadas somente aos professores, enquanto, a pergunta sobre participação nas atividades pedagógicas dos professores foi designada apenas aos gestores. As demais questões foram aplicadas tanto para professores como para os gestores. A aplicação do instrumento deu-se entre julho e dezembro de 2019.

Para análise das questões abertas do questionário, utilizou-se a análise de conteúdo proposto por Bardin (2011). A análise de conteúdo foi fundamentada na análise categorial, com desmembramento das respostas em categorias. Os dados passaram por um crivo de classificação, segundo a frequência de presença ou ausência de itens de sentido. Para análise das questões fechadas utilizou-se a estatística descritiva (frequências e percentuais), recorrendo ao programa *Statistical Package for Social Science for Linux* versão 24.

A pesquisa foi conduzida de acordo com os princípios da Resolução no 466/12 do Ministério da Saúde que regulamenta as pesquisas com seres humanos no Brasil, sendo submetido e aprovado pelo Comitê de Ética da instituição, parecer CAEE nº 29138019.6.0000.5323.

3 RESULTADOS

A análise dos dados será apresentada de acordo com os achados da pesquisa. Inicialmente serão abordados os resultados do perfil pessoal e profissional dos professores de Educação Física do Ensino Médio do estado do RS, utilizando-se, para

isto, as respostas dos professores participantes do estudo, com exceção da questão sobre a participação do professores nas reuniões pedagógicas da escola, a qual destinase aos gestores escolares. Após, será exposta a organização das aulas de EF, os conteúdos desenvolvidos e os espaços físicos existentes, através da análise das respostas dos professores ou gestores escolares das 239 escolas.

A tabela 2 apresenta resultados por regiões, referentes ao perfil dos professores, destacando alguns elementos que os caracterizam, tais como: idade, gênero, formação, tempo de experiência profissional, atuação no ensino médio e/ou em outros níveis de ensino e sua participação em reuniões pedagógicas nas escolas em que atuam.

Tabela 2. Perfil dos professores de Educação Física do Ensino Médio, por mesorregião do estado do Rio Grande do Sul.

Variáveis	Total	Metropolitana	Nordeste	Noroeste	Sudoeste	Sudeste	Centro
Idade (média(±DP))							
Média	41,9	39,5	36,4	43,6	46,2	42,2	44,4
(DP)	(±9,0)	(±8,8)	(±6,9)	(±9,4)	(±9,6)	(±8,2)	(±7,8)
Gênero (frequência %(n))							
Masculino	49,7(73)	51,4(18)	28,6(6)	63,9(23)	47,4(9)	50,0(7)	45,5(10)
Feminino	50,3(74)	48,6(17)	71,4(15)	36,1(13)	52,6(10)	50,0(7)	54,5(12)
Formação (frequência %(n))							
Somente graduação	28,6(42)	34,3(12)	47,6(10)	19,4(7)	26,3(5)	14,3(2)	27,3(6)
Especialização	68,0(100)	60,0(21)	47,6(10)	75,0(27)	73,7(14)	85,7(12)	72,7(16)
Mestrado	2,0(3)	--	4,8(1)	5,6(2)	--	--	--
Doutorado	1,4(2)	5,7(2)	--	--	--	--	--
Experiência profissional (média(±DP))							
Tempo de formado	17,3	14,0	10,1	19,5	21,5	19,0	20,9
(em anos)	(±9,3)	(±8,4)	(±5,0)	(±9,6)	(±10,1)	(±7,1)	(±8,6)
Tempo de docência	12,5	10,6	7,5	15,3	16,8	13,1	11,9
(em anos)	(±8,2)	(±7,2)	(±4,5)	(±8,7)	(±10,0)	(±6,8)	(±8,0)
Carga horária semanal	37,3	42,4	38,5	37,8	35,6	37,0	29,0
	(±10,8)	(±8,9)	(±9,8)	(±9,0)	(±13,3)	(±9,7)	(±11,2)
Número de escolas	1,7	1,8	1,7	1,6	1,6	2,4	1,4

	que atua	(±0,7)	(±0,6)	(±0,7)	(±0,6)	(±0,9)	(±0,8)	(±0,6)
Atividade no EM (frequência %(n))								
Atua somente no EM	27,2(40)	28,6(10)	33,3(7)	22,2(8)	36,8(7)	14,3(2)	27,3(6)	
Atua em outros níveis	72,8(107)	71,4(25)	66,7(14)	77,8(28)	63,2(12)	85,7(12)	72,7(16)	
*Participação nas reuniões pedagógicas (frequência %(n))								
Sempre participa	64,8(125)	77,1(37)	61,9(13)	58,6(34)	56,5(13)	66,7(10)	64,3(18)	
Na maioria das vezes	29,0(56)	20,8(10)	33,3(7)	34,5(20)	30,4(7)	26,7(4)	28,6(8)	
Às vezes participa	5,7(11)	2,1(1)	4,8(1)	6,9(4)	13,0(3)	6,7(1)	3,6(1)	
Nunca participa	0,5(1)	--	--	--	--	--	3,6(1)	

*Questão realizada somente aos gestores escolares; EM = Ensino Médio; DP= Desvio Padrão

Através da análise dos dados, constatou-se que os 147 professores de Educação Física tinham média de idade de 41,9 anos ($\pm 9,0$) e há uma certa igualdade nas frequências relativas dos gêneros (49,7% masculino e 50,3% feminino). Entretanto, quando comparados por mesorregiões, a região sudoeste apresentou a maior média de idade dentre os professores com 46,2 anos ($\pm 9,6$). Quanto ao gênero, a região nordeste apresentou a porcentagem mais baixa para professores do gênero masculino (28,6%), enquanto demonstrou predominância para professores do gênero feminino (71,4%). No entanto, na região noroeste, destaca-se o predomínio de professores do gênero masculino (63,9%) e em menor incidência professores do gênero feminino (36,1%).

Quanto à formação acadêmica, os dados revelam que a maioria (71,4%) possui pós-graduação, com maior predominância em nível de especialização (68,0%), seguidos de uma minoria com mestrado (2,0%) e doutorado (1,4%). Entretanto, quando comparado por mesorregiões, a região nordeste apresenta a maior parte dos professores possuindo formação em nível de graduação (47,6%). Já na região sudeste, os professores demonstraram em sua maioria possuir formação em nível de especialização (85,7%).

No que se refere à experiência profissional dos professores pesquisados, no item tempo de formado, destaca-se a média de 17,3 anos ($\pm 9,3$), já em relação ao tempo de docência, apresenta-se a média de 12,5 anos ($\pm 8,2$) e quanto à carga horária semanal de trabalho dos professores, a média é de 37,3 horas/aula semanais ($\pm 10,8$). Relativamente sobre o número de escolas em que o professor atua, a média é de 1,7 escolas ($\pm 0,7$). Quando comparado por mesorregiões, os professores da região sudoeste apresentam maior tempo de formados com a média de 21,5 anos ($\pm 10,1$), conseqüentemente, a mesma região demonstra ter maior tempo de docência com média de 16,8 anos ($\pm 10,0$). No comparativo entre as mesorregiões, a região metropolitana estabelece a maior média de carga horária semanal com 42,4 horas/aula ($\pm 8,9$), no entanto, a região sudeste

apresenta a maior média referente ao número de escolas em que o professor atua 2,4 ($\pm 0,8$).

Referente à atividade no Ensino Médio, os dados mostram que 27,2% dos professores atuam somente no Ensino Médio, no entanto, 72,8% desses professores atuam também em outros níveis de ensino. No que se refere à participação dos professores em reuniões pedagógicas da escola, de acordo com as respostas dos gestores escolares, em geral, os professores: sempre participam com 64,8%; na maioria das vezes participam com 29,0%; as vezes participam 5,7%; e nunca participam com 0,5%. Quando comparado por mesorregiões a região sudoeste demonstra ter menor participação em reuniões pedagógicas com (56,5%) e a região metropolitana apresenta maior participação em reuniões pedagógicas com (77,1%).

Diante desse contexto e após a análise dos elementos que caracterizam o perfil dos professores, analisou-se a organização das aulas de Educação Física no Ensino Médio no estado do Rio Grande do Sul, representada pelas mesorregiões por regiões na tabela 3.

Tabela 3. Caracterização da organização das aulas de Educação Física no Ensino Médio no estado do Rio Grande do Sul.

Variáveis	Total	Metropolitana	Nordeste	Noroeste	Sudoeste	Sudeste	Centro
Organização por turno (frequência %(n))							
No mesmo turno	71,5(171)	89,7(52)	79,3(23)	66,7(44)	38,7(12)	81,0(17)	67,6(23)
No contraturno	15,1(36)	6,9(4)	6,9(2)	12,1(8)	48,4(15)	9,5(2)	14,7(5)
Ambos os turnos	13,4(32)	3,4(2)	13,8(4)	21,2(14)	12,9(4)	9,5(2)	17,6(6)
*Organização por nº de turma (frequência %(n))							
Uma turma	82,3(121)	97,1(34)	95,2(20)	80,6(29)	36,8(7)	85,7(12)	86,4(19)
Duas turmas	10,9(16)	--	4,8(1)	8,3(3)	36,8(7)	14,3(2)	13,6(3)
Mais de duas turmas	6,8(10)	2,9(1)	--	11,1(4)	26,3(5)	--	--
*Organização do horário (frequência %(n))							
Supervisor	95,9(233)	94,3(33)	100(21)	94,3(23)	94,7(18)	100(14)	95,5(21)
Professor de EF	4,1(6)	5,7(2)	--	5,7(2)	5,3(1)	--	4,5(1)
Atestado médico (frequência %(n))							
Dispensado da EF	10,0(24)	8,6(5)	6,9(2)	9,1(6)	29,0(9)	--	5,9(2)

Trabalhos didáticos	90,0(215)	91,4(53)	93,1(27)	90,9(60)	71,0(22)	100(21)	94,1(32)
Duração semanal das aulas (média)							
Média Semanal	95,7	94,6	89,8	99,5	101,3	101,4	86,5
(DP)	(±28,9)	(±23,3)	(±40,5)	(±30,8)	(±25,2)	(±26,9)	(±24,9)
Organização por gênero (frequência %(n))							
Separada por gênero	8,4(20)	--	3,4(1)	3,0(2)	45,2(14)	--	8,8(3)
Turmas mistas	76,6(183)	82,8(48)	82,8(24)	81,8(54)	38,7(12)	81,0(17)	82,4(28)
Ambas formações	15,1(36)	17,2(10)	13,8(4)	15,2(10)	16,1(5)	19,0(4)	8,8(3)
Organização da aula (frequência %(n))							
Por clubes esportivos	17,2(41)	13,8(8)	17,2(5)	10,6(7)	29,0(9)	14,3(3)	26,5(9)
Sem divisão de clubes	82,8(198)	86,2(50)	82,8(24)	89,4(59)	71,0(22)	85,7(18)	73,5(25)

*Questão realizada somente aos professores; EM = Ensino Médio; DP= Desvio Padrão

Os dados apontam que a organização por turno das aulas de Educação Física no Ensino Médio no estado prevalecem no mesmo turno com (71,5%), referente à organização por número de turma, a prevalência é de uma (01) turma por aula com (82,3%). Quando comparados por mesorregiões, observa-se que a região sudoeste apresenta um maior percentual por desenvolver as aulas no contraturno escolar com (48,4%), no entanto a região metropolitana demonstrou o maior percentual em desenvolver aulas dentro do turno escolar com (89,7%). Em relação à organização por número de turma, a região sudoeste apresenta a menor incidência em trabalhar com somente uma (01) turma por aula com (36,8%).

Em relação à organização do horário da disciplina de Educação Física, é evidenciado que a pessoa responsável pela organização deste horário é o supervisor da escola com (95,9%). Ao questionar as escolas sobre o procedimento em relação aos atestados médicos, a maioria alega que os alunos são dispensados somente da parte prática das aulas, mas precisam desenvolver trabalhos didáticos (90,0%), e apenas (10%) do total das escolas constata que o aluno é dispensado das aulas, sem necessidade de realizar trabalhos compensativos. Ao analisar a duração semanal das aulas, a média se concentra em 95,7 (±28,9). Quando comparados por mesorregiões, as regiões nordeste e sudeste apresentam unanimidade no que diz respeito ao supervisor da escola ser o responsável pela organização do horário das aulas (100%). Apesar disso, a região sudoeste representa o maior percentual de dispensa das aulas com (29,0%), já no que se refere à duração das aulas semanais, a região sudeste apresenta a maior média com 101,4 minutos/semanais (±26,4).

Quanto à organização por gênero há predominância de turmas mistas (meninas e meninos juntos) nas aulas (76,6%). Comparados por mesorregiões, os resultados indicam que a prevalência de aulas separadas por gênero pertencem à região sudoeste com (45,2%), enquanto nas outras regiões o predomínio é dado por aulas com turmas mistas, tendo a maior média nas regiões metropolitana e nordeste com (82,8%).

Da totalidade das escolas que trabalharam com turmas separadas por gênero, realizou-se uma questão aberta em que professores e/ou gestores justificaram a escolha desta organização. As respostas dos mesmos foram classificadas em 06 categorias, através da análise de conteúdo proposta por Bardin (2011). Deste modo, justificou-se o modo de organização em decorrência do rendimento esportivo (37,5%), alegando a separação por sexo para finalidades esportivas, envolvendo treinamentos para competições e formação de equipes esportivas; preferência do professor (21,9%), em que alegaram ter a autonomia de escolha pelas aulas nesse formato; organização convencional da escola (18,8%), indicando que a escola sempre trabalhou desse modo, e por isso, é organizada desta maneira; diferença biológica (15,6%), nessa categoria foi utilizado o argumento de que existem muitas diferenças biológicas entre os gêneros, dificultando o desenvolvimento das aulas; relacionamento (3,1%), relataram que a separação por gênero, evita a criação de situações problemáticas entre meninas e meninos nas aulas e número de alunos (3,1%), justificando, que as aulas com um número menor de alunos são mais proveitosas.

Quanto ao total de escolas que trabalham com turmas mistas (meninas e meninos juntos), também realizou-se uma questão aberta para os professores e/ou gestores para a justificativa da escolha. As respostas foram classificadas em 08 categorias, através da análise de conteúdo proposta por (BARDIN, 2011). As justificativas sobre este modo de organização referem-se a: organização do turno de aula (33,5%), ou seja, os alunos já estão acomodados desta forma, não haveria porque ser diferente; relacionamento, (27,5%), assinalam, que com aulas mistas, consegue-se desenvolver a inclusão, respeito, socialização, integração e cooperação entre meninas e meninos; organização convencional da escola (14,3%), considera que a escola sempre trabalhou desta maneira, por isso, mantém esta organização; disponibilidade do professor (9,9%). Este argumento refere-se aos professores que trabalham em outras escolas, pois, se as aulas fossem separadas por gênero, dificultaria essa divisão de horários e tempo que o professor tem a sua disposição. Dessa forma, as aulas mistas seriam a melhor opção, facilitando o trabalho do professor; número de alunos (9,3%), justificam que as turmas são pequenas, por isso, trabalham a turma toda junta; orientação dos documentos/mantenedora (8,2%),

declaram que o desenvolvimento de aulas mistas são reivindicados nos documentos normativos da educação e pela Secretaria de Educação do Estado; disponibilidade do espaço físico (6,6%), alegando que os professores dependem da disponibilidade do espaço físico para o desenvolvimento de suas aulas, então a turma mista auxilia o professor nessa organização e preferência do professor (3,3%), na qual justificam realizar a escolha por trabalhar com turmas mistas.

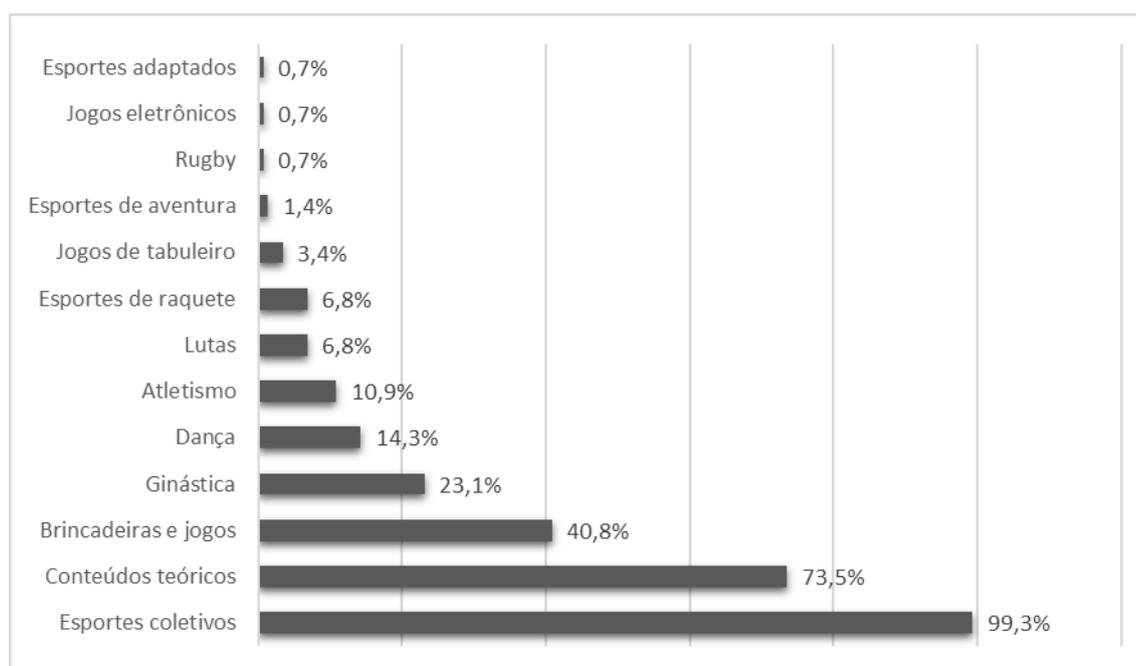
Referente à organização da aula, é exposto que a prevalência de organização das aulas são desenvolvidas sem a divisão por clubes (82,8%), ou seja, são trabalhados os diversos conteúdos da disciplina de Educação Física, porém, constatou-se que há organização de aulas em que ocorre a divisão por clubes esportivos (17,2%). Quando comparado por mesorregiões, o predomínio sem a divisão por clubes acontece na região noroeste com (89,4%), no entanto, percebeu-se a existência de aulas com organização por clubes, em que a predominância acontece na região sudoeste com (29,0%).

Das escolas que organizam suas aulas por clubes esportivos, foi realizada uma questão aberta para os professores sobre quais clubes esportivos eram ofertados em suas respectivas escolas. As respostas foram classificadas em 11 categorias, através da análise de conteúdo proposta por Bardin (2011). Dessa forma, os clubes mencionados foram: futsal (100%), voleibol (94,7%); handebol (57,9%); basquetebol (47,4%); atletismo (26,3%); ginástica (15,8%); xadrez (10,5%); tênis de mesa (10,5%). Essa proporcionalidade foi homogênea em todas as regiões, mas, encontrou-se também, a oferta dos clubes de esportes adaptados, rugby e esporte orientação, em 2,4% das escolas que possuem a disciplina de Educação Física organizada por clubes, estas situadas nas regiões Metropolitana e Noroeste.

Ao realizar uma análise geral por região, destaca-se uma característica marcante na região sudoeste, na qual observa-se que as aulas na região possuem uma vertente muito voltada para o esporte rendimento, ou seja, visa ao treinamento esportivo dos alunos, o que desencadeia algumas associações, visto que, o esporte rendimento, necessita de espaço para ser desenvolvido e geralmente é sexista, por conseguinte, as aulas com esse viés, ocorrem em uma organização sexista e no contraturno escolar.

Em meio a esse contexto, a Figura 1 apresenta os conteúdos trabalhados na disciplina de Educação Física pelos professores do Ensino Médio do Estado do Rio Grande do Sul.

Figura 1: Conteúdos da disciplina de Educação Física trabalhados pelos professores do Ensino Médio no estado do Rio Grande do Sul.



Sobre os conteúdos trabalhados na disciplina de Educação Física, observa-se que em geral os esportes coletivos predominam dentre as escolas, em todas as regiões do estado com 99,3%, ressaltando que os esportes mais citados pelos professores pesquisados foram: futsal; handebol; voleibol; basquetebol. Posteriormente, destacam-se os conteúdos teóricos 73,5%, sendo que a região que mais demonstrou trabalhar com propostas teóricas nas aulas, foi a região nordeste (95,2%). Da totalidade de escolas que desenvolveram propostas teóricas nas aulas de Educação Física, evidenciaram-se os seguintes conteúdos: atividade física e saúde (100%); conteúdos culturais sociais (27,8%); regras do esporte (25,9%); conhecimentos sobre atividade física e esportes (25,9%); e conhecimentos do corpo e suas estruturas funcionais (16,7%).

Na sequência, aparecem os conteúdos relacionados às Brincadeiras e jogos (40,8%), caracterizados por atividades recreativas, com o intuito de

socialização/cooperação e a região que desenvolveu com maior predominância esse conteúdo, foi a região metropolitana com (54,3%). Após, surge o conteúdo da Ginástica (23,1%); Dança (14,3%); Atletismo (10,9%); Lutas (6,8%); esportes de raquete (6,8%); jogos de tabuleiro (3,4%); esportes de aventura (1,4%), e, por fim, o rugby, os jogos eletrônicos e os esportes adaptados apresentam uma baixa porcentagem (0,7%) para cada conteúdo.

Além dos conteúdos desenvolvidos pelos professores nas aulas de Educação Física, realizou-se o levantamento dos espaços físicos disponíveis para as atividades da Educação física no Ensino Médio. Notou-se que o ambiente mais apontado pelos pesquisados, foi a quadra esportiva (65,1%). Em vista disso, identificou-se a presença de quadras abertas e quadras cobertas nas escolas pesquisadas. Seguidamente aparece o ginásio esportivo (39,7%); sala de aula (32,3%), onde constatou-se a utilização de laboratórios de informática, salas de jogos, salas de dança, biblioteca, salas de vídeo; pátio (19,0%); campo (12,1%); espaço externo (11,6%); saguão (4,7%) e área para atletismo (3,4%).

4 DISCUSSÃO

O presente estudo analisou o panorama das aulas de Educação Física das escolas de Ensino Médio da rede estadual de ensino do estado do RS, traçando assim, o perfil dos professores e a caracterização das aulas de Educação Física destas escolas e deste nível de ensino. Para tal, considera-se importante discutir o contexto das aulas desenvolvidas pelos professores pesquisados e refletir sobre as características que os constituem enquanto professor e sobre sua atuação na escola.

Nesse sentido, discutir sobre a carreira docente é de extrema importância para entendermos o contexto das aulas de Educação Física no Ensino Médio, pois caracteriza-se por um processo dinâmico que é composto por aspectos relevantes da vida profissional do professor. Esses aspectos interferem diretamente em suas ações, que podem resultar em novas atitudes e condutas, norteadas por conquistas e desafios que podem comprometer o rendimento pedagógico durante a trajetória profissional, provocando mudança de convicções, valores e preparando para os momentos de crise, superação e progresso (FARIAS *et. al.* 2008).

Percebe-se que o professor tem sido obrigado a uma adaptação cada vez mais emergencial ao mundo globalizado, o que gera a necessidade de ampliar sua jornada de

trabalho, adequando-se ao processo de ensino-aprendizagem, submetendo-se a uma constante construção social profissional (CRUZ; LEMOS, 2005).

Dessa maneira, é necessário compreender a construção do perfil profissional do professor. Conhecendo a história de vida docente, esclarecem-se as experiências, acontecimentos, trajetórias e relações concretas vivenciadas em um percurso profissional, normalmente significativas na construção pessoal e profissional do sujeito (RÖESCH, 2003; COSTA; GONÇALVES, 2006). A reflexão da vida profissional, em diferentes momentos da carreira docente, torna-se necessária porque nem todos os professores apresentam o mesmo ritmo de trabalho e nem passam pelas mesmas fases ou ciclos de desenvolvimento. De fato, há fatores de ordem social, afetiva e econômica que interferem diretamente no desenvolvimento da carreira, cuja análise de tais fatores pode auxiliar na compreensão do nível de desempenho de cada professor. (GONÇALVES; PASSOS, 2004).

Em relação à atuação profissional, constatou-se no estudo, que os professores, possuem carga horária de trabalho elevadas, pois, em sua maioria atuam no Ensino Médio e em outros níveis de ensino, fato esse, que pode influenciar direta ou indiretamente no planejamento das aulas de Educação Física.

Posto isso, em estudos desenvolvidos por Lemos (2007) e Farias *et. al.* (2008), é demonstrado que a carga horária total semanal dos professores de Ensino Médio, em sua maioria perpassa por mais de 20 horas trabalhadas. Para Abrão e Baysdorf (2013), a carga horária de trabalho alta, o que, conseqüentemente, gera menos tempo para a preparação de aulas, inviabiliza um planejamento de trabalho com conteúdos mais variados na disciplina de Educação Física.

Diante de inúmeros fatores que influenciam a estruturação das aulas de Educação Física no Ensino Médio. Um ponto relevante trazido por alguns autores, aborda a relação entre gestão escolar e o professor na escola, na qual argumenta-se que a equipe diretiva tem o papel de garantir o cumprimento da função educativa. Nesse sentido, compete a ela a responsabilidade em relação à preservação do caráter educativo da instituição escolar, ou seja, no desenvolvimento das aulas (SAVIANI, 2000). Portanto, é importante considerar que a equipe diretiva da escola precisa auxiliar os professores, a partir da reflexão sobre a prática, dialogando sobre suas opiniões e seus valores, tendo como referência as necessidades dos alunos, da sociedade e os processos de ensino-aprendizagem (LIBÂNEO, 2001).

Referente aos achados do estudo, cabe destacar que as aulas de Educação Física no Ensino Médio, em sua maioria são realizadas no mesmo turno de aula. Identificou-se

que em geral as escolas ofertam aulas de Educação Física no mesmo turno das demais disciplinas, porém há alguns casos em que as aulas acontecem no contraturno, deste modo, notou-se também que geralmente as aulas acontecem em turmas mistas, mas há a presença de aulas com turmas separadas por gênero nas escolas estudadas.

Sobre a organização do turno de aula e a separação de gêneros nas aulas de Educação Física, os estudos de Silva e Maciel (2009) indicaram que as aulas eram ofertadas no contraturno das demais disciplinas curriculares e ocorria a separação de gêneros, o que dificultou a organização de projetos e ações pedagógicas em parceria com as demais disciplinas.

Dialogando sobre as aulas de Educação Física com separação de gênero e as aulas mistas, compreende-se que há necessidade de serem discutidas, pois as questões de gênero permeiam diversas instâncias sociais, inclusive o contexto escolar (MEYER; SOARES, 2004). Louro (2001) focaliza como a aula, torna-se um contexto de elaboração das identidades de gênero, construindo masculinidades e feminilidades a partir da participação em atividades corporais: “Se em algumas áreas escolares a constituição da identidade de gênero parece, muitas vezes, ser feita através dos discursos implícitos, nas aulas de Educação Física esse processo é, geralmente mais explícito e evidente.” (LOURO, 2001, p.72).

Além disso, os dados demonstraram que os conteúdos mais trabalhados pelos professores, foram os conteúdos dos esportes coletivos, tornando-se o conteúdo hegemônico das aulas pesquisadas, assim como a quadra esportiva, sendo o espaço físico mais utilizado no desenvolvimento das aulas.

Em vista disso, uma crítica que perpassa ao longo dos anos sobre a Educação Física no Ensino Médio, é a presença quase que prioritariamente do esporte nas aulas, desfavorecendo os demais conteúdos da cultura corporal de movimento. A pedagogia do esporte, “[...] se refere apenas ao esporte que tem como conteúdo o treino, a competição, o atleta e o rendimento esportivo”. (KUNZ, 2004, p. 63). Isso é o que tem sido preconizado no ambiente escolar, apesar do crescente descontentamento apreciado nas discussões da área. O autor ressalta a necessidade de um “conceito ampl” que considere as “[...] formas de manifestação e de forma contextualizada, em que ser humano e movimento são relevantes ao agir e pensar, sendo ‘dentro’ ou ‘fora’ da escola, pois o movimento existe mesmo que não esteja no contexto escolar”. (KUNZ, 2004, p. 67).

Corroborando, o estudo de Melo e Ferraz (2007) demonstrou através de seus resultados, que em relação aos conteúdos trabalhados na disciplina de Educação Física no Ensino Médio, observou-se que os esportes coletivos foram uma constante nas aulas.

Através dos relatos da pesquisa, é evidenciado que alguns professores até tentaram trabalhar com outros conteúdos, mas, constatou-se que os únicos professores/as que desenvolveram outros tipos de conteúdo, foram apenas dois de oito professores pesquisados.

Nessa perspectiva, o estudo de Pereira e Silva (2004) revelou que o conteúdo do esporte era hegemônico, pois de todos os registros das aulas, a maioria compreendia conteúdos esportivos, recreativos e competitivos. Dentre os esportes, destacaram-se: o futsal; o voleibol; o handebol e o basquetebol como os mais trabalhados em aula.

Na pesquisa de Gois *et. al.* (2020), é apontado que o currículo da Educação Física no Ensino Médio continua centrado no ensino dos esportes e práticas de Atividade Física, evidenciando que a cada semestre os alunos realizam a escolha das modalidades que gostariam de praticar. Na modalidade relacionada aos esportes, as turmas eram organizadas por nível de habilidade (iniciação, aperfeiçoamento e treinamento).

Para Vasconcellos (2011), os conteúdos cumprem a tarefa educacional de equipar os alunos para que eles possam localizar-se, posicionar-se, usufruir da cultura e intervir no mundo. No caso da Educação física, entende-se que os elementos da cultura corporal de movimento devem ser transpostos para o currículo escolar para, então, tornarem-se conteúdos de ensino expressados na forma de jogos e brincadeiras, danças, esportes, ginásticas (demonstração, condicionamento físico e conscientização corporal), lutas e práticas corporais de aventura (BRASIL, 2018), sugerindo objetivos de aprendizagem que possibilitem a compreensão sócio-histórica e política das manifestações da cultura corporal de movimento, visando ao alcance de uma participação crítica, intensa e digna na esfera pública por todos os grupos que compõem a sociedade (BRASIL, 2018).

Acerca dos espaços físicos da disciplina de Educação Física no Ensino Médio, no ponto de vista dos autores, a aula pode ser ministrada nos mais diversos espaços, como pátio escolar, quadras, campos, salas, ou seja, utilizando o espaço em que o professor/a achar conveniente para atingir o objetivo que pretende com a aula (DARIDO *et. al.* 2005).

Cabe salientar, que a questão do espaço físico e das instalações são fatores que podem comprometer de modo significativo o trabalho pedagógico da Educação Física, comprometendo o ensino-aprendizagem do aluno. Desse modo, para esses autores, é importante refletir, que o espaço físico é material riquíssimo para a prática pedagógica e, em grande parte das realidades escolares, vem sendo desprezado. Isso porque as condições materiais (instalações, material didático, espaço físico) interferem de modo significativo nos trabalhos pedagógicos, tendo em vista que a ausência e a pouca qualidade de espaço físico e de instalações para o ensino da Educação Física, podem ser

compreendidos sob dois aspectos: a não valorização social desta disciplina e o descaso das autoridades para com a educação destinada às camadas populares (SILVA; DAMÁZIO, 2008).

Em contrapartida, nos estudos de Silva e Maciel (2009) e Gois *et. al.* (2020), os resultados constataram que o espaço mais utilizado para as aulas de Educação Física no Ensino Médio nas escolas pesquisadas, foi a quadra esportiva, demonstrando que as atividades das aulas são prioritariamente práticas, ou seja, atividades que visam à parte motora do aluno.

Ainda é necessário que os professores de Educação Física trabalhem no sentido de incluir todos os alunos nas aulas, trabalhem de forma interdisciplinar, respeitem o projeto político pedagógico da escola, incentivem o trabalho com notícias sobre anabolizantes, violência no esporte, padrão de beleza, utilizem vídeos, colem informações na internet e na mídia impressa, estimulem a autonomia dos alunos, diversifiquem os espaços e os materiais, convidem especialistas nas modalidades esportivas ensinadas para realizar palestras, trabalhem com turmas heterogêneas, realizem trabalho em grupo e discutam as relações de gênero presentes nos esportes (DARIDO; SOUZA JÚNIOR, 2013).

Com isto, afirma-se que a Educação Física deve refletir sobre a “importância do papel dos/das professores/as na problematização e vivência das questões de gênero, na prática pedagógica, junto aos seus alunos/as. E, para isso, eles/as próprios/as precisam estar esclarecidos”. (SARAIVA, 2002, p. 83).

A partir desse contexto, Freire (2009), alerta que a educação física vem deixando de ser exclusivamente prática, trazendo para as aulas o desafio de pensar e debater assuntos do cotidiano que estejam direta ou indiretamente relacionados às práticas desportivas. Deste modo, reforça-se a ideia de que “a educação física deve se desvincular dos rótulos tecnicistas indo além do saber fazer, possibilitando ao indivíduo saber pensar o que fazer, demonstrando assim, que a área tem o que ensinar”. (SOARES *et. al.*, 2009, p. 173).

Nesta circunstância, uma problemática bastante recorrente, refere-se ao procedimento quanto ao atestado médico, onde se verificou que nas escolas pesquisadas ocorrem ainda algumas dispensas nas aulas. Nos achados, constata-se que a maioria faz o uso da dispensa com trabalhos compensativos, em alguns casos somente são dispensados das aulas, sem realizar qualquer atividade compensatória.

Com isso, Nunes (2007), discute as dispensas nas aulas de Educação Física e afirma ser um retrocesso histórico a legalidade que legitima o afastamento dos estudantes

das aulas, tendo em vista que o debate acerca dos objetivos da área no contexto escolar tem sido ampliado e aponta outras perspectivas, como o desenvolvimento da cultura corporal como conhecimento e especificidade a ser abordado pelo componente. “A dispensa de alunos das aulas de Educação Física é um fenômeno preocupante no Brasil. Em geral, a discussão desse problema parte de, ou leva a questões legais” (ZONTA, 2000, p. 245).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se concluir que diante do contexto apresentado, as aulas de Educação Física no Ensino Médio, ainda possuem um viés totalmente voltado ao esporte. Há a presença de outros conteúdos nas aulas, mas na sua grande maioria, o conteúdo do esporte é hegemônico, nesse sentido, encontra-se a necessidade de diversificação de conteúdos, conseqüentemente o espaço físico mais utilizado é a quadra esportiva, limitando a exploração de outros ambientes físicos na escola. Além disso, observou-se o desenvolvimento de aulas no contraturno escolar, e ainda, realização de aulas com a separação de gênero.

Posto isso, foi possível constatar que as aulas de Educação Física no Ensino Médio desencadeiam algumas problemáticas, em relação à organização do componente curricular na escola. Caracterizadas pela priorização do conteúdo do esporte nas aulas, a questão da estrutura das aulas não apresentarem um padrão, ou seja, serem ofertadas no turno ou no contraturno escolar, como as demais disciplinas na escola, o debate ainda persiste, no que se refere à realização de aulas separadas por gênero e de aulas mistas.

Afinal, é necessário incorporar novos saberes nas aulas de Educação Física no Ensino Médio, propiciando aos alunos uma formação integrada, qualificada, de modo que o professor reflita sobre sua prática pedagógica, modificando e reconstruindo o processo de ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ABRÃO, K. R; BAYSDORF, G. C. O Trabalho Docente do Professor de Educação Física em escolas com diferentes fatores socioeconômicos e demográficos: Estratégias e saberes construídos. **Revista Contexto & Educação**, v. 28, n. 91, p. 37-57, 2013.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BETTI, M. **Educação Física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.

BETTI, M.; ZULIANI, L. R. Educação Física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.1, n.1, p. 73- 81, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução nº 3, de 21 de novembro de 2018**. Brasília, 2018b. Disponível em < <https://bit.ly/2SDocdR>> Acesso em: 15 set 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução nº 3, de 21 de novembro de 2018**. Brasília, 2018b. Disponível em < <https://bit.ly/2SDocdR>> Acesso em: 05 out 2020.

CAPARRÓS, F. E, BRACHT, V. O tempo e o lugar de uma didática da educação física. **Rev. Bras Ciênc Esporte**, p.21-37, 2007.

CORREIA, W. R. Educação física no ensino médio: questões insólitas. In: Carreira Filho D, Correia, W. R, organizadores. **Educação física escolar: docência e cotidiano**. Curitiba: CRV; v. 1, p. 165-76, 2010.

CRUZ, R. M.; LEMOS, J. C. Atividade docente, condições de trabalho e processos de saúde. **Motrivivência**, v. 17, n. 24, p. 59-80, 2005.

DAOLIO, J. **A cultura da/na Educação Física**. 112 f. Tese (Livre docência) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

DARIDO, S. C. Os conteúdos da Educação Física escolar: influências, tendências, dificuldades e possibilidades. **Revista Fluminense de Educação Física Escolar**, Niterói, v.2, n.1, p.5-25, 2001.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DARIDO, S. C.; SOUZA JÚNIOR, O. M. **Para ensinar Educação Física: possibilidades de intervenção na escola**. 7. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2013.

DARIDO, S. C; RANGEL, I. C. A. **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara, 2005.

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **Secretaria de Educação**. Busca de escolas, 2020. Disponível em <<https://educacao.rs.gov.br/busca-de-escolas>> Acesso em: 22 set. 2019.

FARIAS, G. O. et al. Carreira docente em educação física: uma abordagem sobre a qualidade de vida no trabalho de professores da rede estadual de ensino do Rio Grande do Sul. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 19, n. 1, p. 11-22, jan./mar., 2008.

FARIAS, G. O.; LEMOS, C. A. F.; BOTH, J.; NASCIMENTO, J. V.; FOLLE, A. A Carreira docente em educação física: uma abordagem sobre a qualidade de vida no trabalho de professores da rede Estadual de ensino do Rio Grande do Sul. **Revista da Educação Física/UEM, Maringá**, v. 19, n. 1, p. 11-22, 2008.

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física**. São Paulo: Scipione, 2009.

GARIGLIO, J. Â.; JUNIOR, A. S. A; OLIVEIRA, C. M. O “novo” Ensino Médio: implicações ao processo de legitimação da Educação Física. **Motrivivência**, v. 29, n. 52, p. 53-70, 2017.

GOIS, F. et al. Caracterização dos comportamentos de ensino, contexto de aula e atividade física em dois programas distintos de educação física. **Retos**, v. 38, p. 379-384, 2020.

GONÇALVES, L. R.; PASSOS, S. R. M. M. D. Processo de desenvolvimento profissional do professor – educação continuada. **PARADOXA: Projetivas Múltiplas em Educação, São Gonçalo**, v. 10, n. 17, p. 45-56, 2004.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Divisão Territorial Brasileira - DTB**. São Paulo, 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/34Rjcv>> Acesso em: 12 out 2020.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 6. ed. Ijuí: Unijuí, 2004.

LEMOS, C. A. F. Qualidade de vida na carreira profissional de professores de educação física do magistério público estadual do Rio Grande do Sul. 2007. xx f. **Dissertação (Mestrado em Educação Física)** – Curso de Educação Física, UFSC, Florianópolis, 2007.

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pósestruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MATTOS, M. G.; NEIRA, M. G. **Educação Física na adolescência: construindo o conhecimento na escola**. São Paulo: Phorte, 2008.

MELO, R. Z. de; FERRAZ, O. L. O novo ensino médio e a Educação Física. **Motriz**, Rio Claro, v. 13, n. 2, p. 86-96, 2007.

MENEZES, R; VERENGUER, R, de C, G. Educação Física no Ensino Médio: o sucesso de uma proposta segundo os alunos. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 5, n. 3, 2006.

MEYER, D. E.; SOARES, R. F. R. Corpo, gênero e sexualidade nas práticas escolares: um início de reflexão. In.: MEYER, D. E.; SOARES, R. de F. R. (org.). **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, p. 5-16, 2004.

NUNES, F. S. A Dispensa nas aulas de Educação Física no ensino médio: legalidade e legitimidade, 2007. **Dissertação (Mestrado em Educação)** - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2007.

PEREIRA, F. M; SILVA, A. C da. Sobre os conteúdos da educação física no Ensino Médio em diferentes redes educacionais do Rio Grande do Sul. **Revista da Educação Física**, Maringá, v. 15, n. 2, p. 67-77, 2004.

RÖESCH, I. C. C. Resignificando a formação docente: um estudo sobre as histórias de vida dos afro-brasileiros. In: **SEMINÁRIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO INTERCULTURAL, GÊNERO E MOVIMENTOS SOCIAIS**, 2, 2003. Florianópolis. Anais, Florianópolis, [s. n], 2003.

SARAIVA, M. do C. Por que investigar as questões de gênero no âmbito da Educação Física, Esporte e Lazer? **Motrivivência**, v.13, n. 19, p. 79-85, 2002.

SILVA, F, M; COFFANI, M, C, R, da S. O lugar da Educação Física no Ensino Médio: entre a presença e ausência do aluno. **Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, v. 11, n. 4, p. 159-178, 2013.

SILVA, M. F. P; DAMAZIO, M. S. O ensino da educação física e o espaço físico em questão. **Revista Pensar a Prática**, v. 11, n. 2, p. 189-196, 2008.

SILVA, R, da; MACIEL, P. B. Características da Educação Física do Ensino Médio noturno. **Revista Motriz**, Rio Claro, v. 15 n. 2 p. 247-256, 2009.

SOARES, C. TAFFAREL, C. N. Z; VARJAL. E; CASTELLANI FILHO, L; ESCOBAR. M, O, BRACHT, V. **Metodologia do ensino de educação física**. 2 ed. rev. São Paulo: Cortez; 2009.

VASCONSELLOS, C. D. S., **Currículo: a atividade humana como princípio educativo**. 3. ed. São Paulo, Libertad Editora, 2011.

ZONTA, A. F. Z.; BETTI, M.; LIZ, L.C. Dispensa das aulas de Educação Física: os motivos de alunas do ensino médio. In: VIII CONGRESSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO DESPORTO DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA. **Anais**. Lisboa. Universidade Técnica de Lisboa, 2000.